

TERRAS SEM VIDA: A DESCONEXÃO DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA NOS MEIOS URBANOS.

Ana Carolina de Oliveira Nogueira, Giovana Aparecida de Proença Salveti, João Pedro Gomes de Brito, Larissa Rocha do Santos, Nicolas Andrew Gentil Gelli, Samuel Ignacio Farias Careaga y Vivian Delfino Motta.

Cita:

Ana Carolina de Oliveira Nogueira, Giovana Aparecida de Proença Salveti, João Pedro Gomes de Brito, Larissa Rocha do Santos, Nicolas Andrew Gentil Gelli, Samuel Ignacio Farias Careaga y Vivian Delfino Motta (2025). *TERRAS SEM VIDA: A DESCONEXÃO DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA NOS MEIOS URBANOS*. XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica, XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas, I Semana da Pedagogia e X Semana da Biologia. Instituto Federal de São Paulo - Câmpus São Roque, São Roque.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/jpctifpsrq/44>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/paWp/6ne>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.

TERRAS SEM VIDA: A DESCONEXÃO DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA NOS MEIOS URBANOS

Ana Carolina de Oliveira Nogueira
 Giovana Aparecida de Proença Salvetti
 João Pedro Gomes de Brito
 Larissa Rocha do Santos
 Nicolas Andrew Gentil Gelli
 Samuel Ignacio Farias Careaga.
 Vivian Delfino Motta

Resumo

No dia 27 de maio de 2025, um grupo realizou uma visita ao Museu das Culturas Indígenas em São Paulo, vivenciando experiências sensoriais e educativas que evidenciaram a profunda conexão entre a cultura indígena e o meio ambiente. A partir dessa visita, surgiu a indagação sobre a possibilidade de integrar os saberes indígenas à gestão ambiental urbana de maneira harmônica. Com isso, foi iniciada uma pesquisa baseada em leituras sensíveis e qualitativas de obras de autores e autoras indígenas, com o intuito de entender como esses povos se adaptam e reagem ao contexto urbano. A pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre a ancestralidade indígena e os conflitos gerados pelo avanço tecnológico da sociedade contemporânea. Foram produzidas resenhas críticas com base nas leituras, focando em como os conhecimentos tradicionais podem enriquecer o ensino técnico em meio ambiente, tanto no aspecto cultural quanto prático. A ancestralidade, para os povos indígenas, vai além de uma perspectiva religiosa. Ela envolve espiritualidade, modo de vida e a relação simbiótica com a natureza. A escrita, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de resistência e preservação cultural, sendo usada para eternizar memórias e compartilhar saberes com o mundo externo. O texto destaca que os saberes milenares dos povos originários têm grande potencial para serem incorporados de forma enriquecedora nos currículos ambientais, promovendo um ensino mais completo e sensível à diversidade cultural. Outro ponto abordado foi o forte senso de pertencimento dos indígenas aos seus territórios. Para esses povos, o território não é apenas uma moradia física, mas um espaço espiritual que guarda suas raízes, história e identidade. Essa conexão profunda fortalece a luta contra injustiças e agressões ao meio ambiente, inspirando também gestores ambientais a atuarem com mais comprometimento. A natureza, para os povos indígenas, é vista como morada de espíritos, manifestada por meio da fauna, da flora, dos rios e dos sonhos. Essa cosmovisão é essencial para compreender o papel da espiritualidade no cotidiano indígena e na sua relação com o meio ambiente. Um exemplo citado é a obra "Ideias para adiar o fim do mundo", de Ailton Krenak, que denuncia a destruição causada pelo garimpo ilegal em terras sagradas, evidenciando o impacto ambiental, cultural e social dessa prática. A base teórica utilizada incluiu a perspectiva contra-colonialista proposta pelo poeta e filósofo brasileiro Nego Bispo (2023). A metodologia do trabalho envolveu o estudo literário e a elaboração de resenhas críticas, buscando compreender o contexto histórico e cultural das obras analisadas, integrando-as à discussão ambiental atual.

Palavras-chave: Autores Indígenas; Tecnologia; Ancestralidade; Meio ambiente.

Modalidade: Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso apresentado com requisito da disciplina de Projeto Integrador

Apresentação

A ênfase deste trabalho está em analisar como o processo de urbanização no Brasil afeta diretamente o apagamento da ancestralidade indígena, especialmente diante da má gestão dos territórios e da forma como a tecnologia é inserida nas comunidades. Nesse sentido, tais fatores contribuem para o afastamento dos saberes tradicionais e o enfraquecimento da cultura. Contudo, a tecnologia também pode ser uma ferramenta importante nas lutas ambientais e na construção de uma sociedade mais sustentável e respeitosa em relação ao meio ambiente. A origem desta pesquisa teve como ponto de partida uma conversa realizada com o mediador cultural do Museu das Culturas Indígenas, Vera, que relatou os desafios enfrentados ao tentar

transmitir a cultura indígena aos mais novos. Para a fundamentação teórica dessa pesquisa, foram utilizadas três obras de autores indígenas: *Ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2015); *Coração na aldeia, pés no mundo* (TABAJARA, 2020); e *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (KOPENAWA, 2015). Em comum, essas obras discutem o apagamento das memórias ancestrais e a dificuldade de manter vivas as tradições indígenas em uma sociedade que negligencia o meio ambiente. Diante disso, surge a questão: é possível uma convivência harmônica entre a tecnologia, a ancestralidade indígena e sua cultura?

Materiais e métodos

Essa pesquisa tem como base teórica a perspectiva contracolonialista conceituada pelo poeta e filósofo Brasileiro Nego Bispo (2023).

Nego Bispo (2023) "O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá." (pág. 36)

A partir desse olhar realizamos um estudo literário, definido como a compreensão, interpretação e reflexão de obras, analisando a conjuntura histórica e cultural.

Buscando sistematizar a informação obtida a partir delas, utilizamos como ferramenta metodológica a resenha crítica, onde é posto um estudo profundo com comentários e opiniões sendo levadas em consideração e adicionadas ao referencial teórico.

Resultados/resultados preliminares

Foram feitas resenhas críticas de obras literárias selecionadas pelos autores do presente trabalho.

O livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, traz uma reflexão sobre o modo de vida que estamos submetidos, devido a um processo de modernização, no qual o ser humano é visto como separado do meio ambiente natural, enxergando-o como fonte de recursos econômicos.

Em contrapartida, Krenak nos mostra como a perspectiva indígena pode apresentar soluções para as ameaças ambientais que estamos vivenciando, buscando promover uma conscientização sobre como o ser humano e o meio ambiente devem ser vistos como um. Ele também argumenta contra a ideia distorcida de sustentabilidade propagada pelas grandes empresas.

A ideia expressa no livro *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa, se interliga com a de Krenak, ao destacar a opressão indígena, o abandono social e a espiritualidade dos povos originários e sua importância. Foram lidos os capítulos 2, 3, 9, 17 e 18, nos quais se expõe a ligação entre natureza, território e espiritualidade, mostrando como esses fatores representam os espíritos. É evidenciado

que a conexão entre vivos e espíritos se dá por meio do sonho, por onde os conhecimentos ancestrais para a defesa da floresta são compreendidos, reforçando a importância da luta ambiental. A obra descreve os impactos da opressão da cultura do homem branco nas terras Yanomami, destacando sua violência, ignorância, ganância e egoísmo, e expressando o desejo de que os brancos respeitem sua casa. Kopenawa também externaliza, em seu livro, sua revolta quanto aos garimpos, à exploração ambiental e ao abandono social do Estado em relação aos indígenas, e demonstrando seu posicionamento contrário à cultura colonial do homem branco.

Essa visão é complementada e reforçada pela obra de Auritha Tabajara, que revela a relação do povo indígena com seu território, mostrando que, para os povos originários, a terra não é apenas um espaço físico, mas o lugar onde se encontram a vida, a cultura, as memórias afetivas e a espiritualidade. Os indígenas têm uma relação de grande respeito e equilíbrio com a natureza; ou seja, defender o meio ambiente é, conseqüentemente, defender também os direitos dos povos tradicionais.

A obra é, definitivamente, uma afirmação da importância dos saberes tradicionais indígenas em uma sociedade que historicamente os invisibiliza. Enquanto livro, evidencia os conflitos sociais e de identidade enfrentados pelos povos indígenas, com destaque para a visão das mulheres.

Considerações finais

Diante disso, a pergunta “É possível uma convivência harmônica entre a tecnologia, a ancestralidade indígena e sua cultura?” é encaminhada a uma resposta que, de acordo com os autores das obras, aponta uma gama de fatores estruturais — como as heranças preconceituosas coloniais, o abandono social indígena, a exploração ambiental, entre outros — como obstáculos para essa convivência harmoniosa. Os posicionamentos apresentados por cada autor se mostram favoráveis a essa convivência, mas destacam que, enquanto o modo de vida do homem branco e seu avanço tecnológico estiverem baseados na opressão e no apagamento da cultura dos povos originários, os estereotipando como primitivos, os reduzindo a folclore e tendo como “mais indígena” o cocar do que o próprio indígena, essa convivência será defeituosa e conturbada.

Referências

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Cap. 2, p.80-88, Cap.18, p.394-406 e Cap.22, p.454-467.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Cap. 3, p.88-110, Cap. 7, p.221-235 e Cap.17, p.375-394.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. Imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. São Paulo: Mazza Edições, 2018.